

**A UTILIZAÇÃO DA PESQUISA QUALITATIVA COMO METODOLOGIA
PEDAGÓGICA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

**THE USE THE QUALITATIVE RESEARCH AS A PEDAGOGICAL
METHODOLOGY IN THE FIRST YEARS OF ELEMENTARY SCHOOL**

**EL USO DE LA INVESTIGACIÓN CUALITATIVA COMO METODOLOGÍA
PEDAGÓGICA EN LOS PRIMEROS AÑOS DE LA EDUCACIÓN PRIMARIA**

MARIA DA CONCEIÇÃO VICENTE DE ALMEIDA
IOC/FIOCRUZ - Doutoranda

MARÍLIA DUARTE LOPES TALINA
IOC/FIOCRUZ - Doutoranda

CAMILLE JANTALIA
UFRJ - Doutoranda

PAULO PIRES DE QUEIROZ
IOC/FIOCRUZ – UFF - Doutor

Resumo

O presente artigo tem por objetivo indicar a possibilidade de a pesquisa qualitativa ser utilizada como metodologia pedagógica reveladora da realidade social de um determinado grupo de indivíduos, sendo estes crianças dos anos iniciais do ensino fundamental. A pesquisa, parte integrante de um estudo de doutorado, foi realizada no ano de 2018, com estudantes dos anos iniciais do ensino fundamental no Colégio Pedro II, escola pública federal do Rio de Janeiro. Em sala de aula, a utilização da pesquisa qualitativa surgiu a partir de conversas sobre os Direitos Humanos da Criança. A demanda da pesquisa surgiu da necessidade de dar ouvidos às vozes que queriam dialogar, expressar seus anseios, alegrias, medos e situações em que as crianças percebiam seus direitos desrespeitados. A metodologia utilizada revelou-se eficaz no que tange a leitura de mundo dos alunos, permitindo um conhecimento mais aprofundado de suas realidades.

Palavras-chave: Pesquisa qualitativa. Direitos humanos. Anos iniciais.

Abstract

This article aims to indicate the possibility of the qualitative research being used as a pedagogical methodology to reveal the social reality of a certain group of individuals, even with children in the first years of Elementary School. The research, which is part of a doctorate study, was conducted in 2018 with students in the first years of Elementary School at School Pedro II, a public federal school in Rio de Janeiro. In the classroom, the use of the qualitative research emerged from conversations on the Declaration of the Rights of the Child. The demand for this research arose from the need to listen to the voices who want to dialogue, express their longings, joys, fears and situations in which the children perceive their rights as being disrespected. The methodology used was effective regarding the world reading how students read the world, thus allowing for a more profound knowledge of their realities.

Keywords: Qualitative research. Human rights. First years.

Resumen:

El presente artículo tiene como objetivo indicar la posibilidad de que la investigación cualitativa se utilice como una metodología pedagógica para revelar la realidad social de cierto grupo de individuos, incluso con niños en los primeros años de la escuela primaria. La investigación, parte integral de un estudio a nivel de doctorado, se llevó a cabo en 2018, con estudiantes de los primeros años de la escuela primaria en el Colégio Pedro II, una escuela pública federal en Río de Janeiro. En el aula, el uso de la investigación cualitativa surgió de conversaciones sobre los Derechos Humanos de los Niños. La demanda de la investigación surgió de la necesidad de escuchar las voces que querían dialogar, expresar sus deseos, alegrías, miedos y situaciones en las que los niños percibían que sus derechos eran ignorados. La metodología utilizada demostró ser efectiva con respecto a la lectura del mundo de los estudiantes, permitiendo un conocimiento más profundo de sus realidades.

Palabras clave: Investigación cualitativa. Derechos humanos. Primeros años

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho está inserido na grande Área de Ensino (Área 46), criada em 6 de junho de 2011 pela Portaria CAPES 83/2011. Apresenta parte de uma pesquisa de doutorado realizada no Programa de Pós-Graduação em Ensino em Biociências e Saúde do Instituto Oswaldo Cruz/FIOCRUZ. A pesquisa de cunho qualitativo foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Instituto Oswaldo Cruz (CEP FIOCRUZ/IOC), sendo aprovada e autorizada através do CAAE número 04521118.1.0000.5248, tendo também anuência do Colégio Pedro II, local onde a pesquisa se desenvolveu. Busca a interlocução entre a Pós-Graduação e a Educação Básica como segmentos produtores de conhecimento que devem dialogar constantemente através do ensino e da pesquisa.

De acordo com Minayo (1994), a pesquisa é a atividade básica da ciência. Ela vincula teoria e prática, fornece subsídio à atividade de ensino e atualiza o repertório de conhecimento frente à realidade do mundo. A pesquisa emerge a partir de um problema, uma dúvida ou pergunta e se articula com conhecimentos já existentes. Nesse processo de investigação são feitas descobertas que contribuem com o desenvolvimento da ciência, gerando novas referências, destacando que a qualidade de uma análise depende da experiência e da capacidade de aprofundamento do pesquisador, que delinea o trabalho que será realizado. Este artigo tem como objetivo indicar que a pesquisa qualitativa pode ser utilizada como metodologia pedagógica em diferentes contextos educacionais, envolvendo crianças dos anos iniciais do ensino fundamental, público-alvo da presente pesquisa. Pretende, ainda, apresentar o objeto pesquisado, os instrumentos e estratégias utilizadas para coletar e analisar os dados, descrevendo os resultados obtidos.

A pesquisa se deu a partir de um projeto interdisciplinar desenvolvido no Colégio Pedro II em 2018, com crianças de uma turma de terceiro ano do ensino fundamental. A partir de reflexões e discussões, os alunos e a professora/pesquisadora definiram o objeto de estudo da pesquisa: “Os Direitos Humanos da Criança”. Tomando por base algumas das opiniões do senso comum de seus alunos sobre o tema, a professora/pesquisadora coletou os dados durante suas aulas. Segundo Minayo (2012), o senso comum são os conhecimentos provenientes das experiências e das vivências do ser humano nas várias situações de sua vida. Ele se constitui de opiniões, valores, crenças e modos de pensar, sentir, relacionar e agir e se expressa na linguagem, nas atitudes e nas condutas, sendo a base do entendimento humano. Dado o seu

caráter de expressão das experiências e vivências, Minayo (2012) afirma que o senso comum é o chão, a base dos estudos qualitativos.

2 METODOLOGIA

2.1 A pesquisa qualitativa no universo infantil

A pesquisa qualitativa é uma metodologia cujo foco está no caráter subjetivo do objeto analisado, que não é perceptível em quantificações. Em outras palavras, o estudo busca compreender comportamentos, estudando as suas particularidades e experiências individuais, entre outros aspectos. A pesquisa qualitativa como metodologia, é um valioso instrumento educacional, contribuindo, inclusive, como revelador da realidade social de um determinado grupo de indivíduos, o que não exclui o universo infantil. A investigação, quando associada ao tempo histórico, à multiculturalidade e à visão que se tem da realidade social, a partir da apropriação cognitiva dos alunos, pode ser viabilizada pela metodologia da pesquisa qualitativa.

Atualmente, os pesquisadores estão reconhecendo a importância de considerar as crianças como participantes de suas investigações. Pesquisar o universo da criança tem sido objeto de estudos das mais diversas áreas do conhecimento, como Educação, Psicologia e Saúde, afinal, como indivíduos participantes da sociedade, as crianças também podem ser produtoras de dados para estudos e pesquisas. Em geral, as crianças são boas comunicadoras. Muitas vezes, expressam seus pensamentos e sentimentos de forma verbal, falando e escrevendo, mas muitas vezes elas podem se comunicar de forma não verbal, por outras formas de expressão, como gestos, expressões faciais e corporais, choro, desenhos e atitudes. Todas as formas de expressão da criança, sejam verbais ou não verbais, devem ser notadas e valorizadas pelo pesquisador. Para isto, são necessários conhecimentos e habilidades adicionais ao se realizar pesquisa quando os participantes são crianças. O pesquisador necessita de conhecimentos sobre o universo infantil e sobre as suas perspectivas em relação ao mundo, utilizando recursos criativos e familiares às crianças na coleta de dados. (VASQUEZ *et al.*, 2014)

Minayo (2012) afirma que o principal da análise qualitativa é compreender. Compreender é exercer a capacidade de se colocar no lugar do outro, tendo em vista que, como seres humanos, temos condições de exercitar esse entendimento (GADAMER, 1999). Para

compreender, é preciso levar em conta a subjetividade do indivíduo, mas também é preciso considerar que a experiência e a vivência de uma pessoa ocorrem no âmbito da história coletiva e são contextualizadas e envolvidas pela cultura do grupo em que ela está inserida. Na pesquisa qualitativa aqui descrita, apesar dos dados terem sido coletados criança por criança, individualmente, os resultados referem-se à compreensão de uma coletividade, uma turma de crianças.

2.2 O objeto de estudo

A pesquisa qualitativa aqui mencionada surgiu a partir de um projeto interdisciplinar realizado no Colégio Pedro II, no Campus São Cristóvão I. O projeto “Você tem fome de quê?”, voltado para a conscientização dos Direitos Humanos, permeou todo o ano letivo de 2018 e foi desenvolvido como um projeto coletivo, com todas as turmas dos anos iniciais (1º ao 5º ano). O projeto foi tecido com diferentes fios que interligaram os direitos humanos e a América Latina. O tema do projeto foi pensado coletivamente pelos alunos e servidores do campus.

O projeto “Você tem fome de quê?” foi um dos muitos projetos realizados pelo Colégio Pedro II, com vistas a discutir alguns dos aportes presentes em leis, que são voltadas para atender as demandas da educação. O projeto se desdobrou em subtemas, de acordo com o interesse de cada turma. A pesquisa aqui apresentada refere-se ao enfoque escolhido por uma determinada turma, cujo subtema escolhido foi “Os Direitos Humanos das Crianças”. A ideia de que os direitos das crianças devem ser respeitados possibilitou a busca pela conscientização dos direitos dos próprios alunos e dos outros, numa perspectiva inclusiva, buscando incluir direitos de diferentes crianças, contemplando diferenças físicas, étnico raciais, culturais, familiares, de gênero, religiosas, de aptidões, habilidades e outras tantas.

O interesse pelo tema “Os Direitos Humanos das Crianças”, objeto da pesquisa na turma, foi disparado a partir de uma série de atividades motivadoras: leitura de livros infantis, abordagens sobre o assunto em rodas de conversa, apresentações audiovisuais, dramatizações e reflexões a respeito de situações reais sobre o tema, com nível de aprofundamento adequado à faixa etária da turma. Durante a pesquisa, houve ainda a preocupação com uma construção ética e amistosa entre as crianças e um olhar inclusivo na relação com o outro. Assim, o objeto de estudo foi se delineando, utilizando-se da pesquisa qualitativa como metodologia nos anos

iniciais do ensino fundamental para dar ouvidos às vozes que queriam dialogar e expressar suas percepções a respeito de situações em que as crianças percebiam seus direitos desrespeitados.

2.3 Identificação dos participantes da pesquisa

A pesquisa foi realizada numa turma do terceiro ano do Ensino Fundamental, do Colégio Pedro II – Campus São Cristóvão I. O universo pesquisado constituiu-se de 25 alunos e alunas da turma 307, sendo 11 meninos e 14 meninas na faixa etária entre 8 e 9 anos de idade, além da professora regente da turma, que se inclui como participante da pesquisa. Além do papel de pesquisadora, coletando dados para sua pesquisa de doutorado no Colégio Pedro II, a professora atuou como interlocutora junto às crianças, sendo mais uma participante da pesquisa aqui relatada, envolvendo-se com o tema, mediando, perguntando, fazendo intervenções, dinamizando as atividades, mas também colocando suas impressões, suas opiniões, citando exemplos e acolhendo as falas das crianças.

Com exceção da professora/pesquisadora, todos os integrantes da turma eram moradores da cidade do Rio de Janeiro, de diferentes bairros e a pesquisa se realizou espontaneamente, como mais uma atividade pedagógica proposta, dentre tantas outras realizadas durante o projeto.

2.4 Contextualização do campo onde a pesquisa foi realizada

O Colégio Pedro II (CPII) é uma escola pública federal e conta, atualmente, com quatorze campi distribuídos pelo Rio de Janeiro e adjacências. O CPII é uma escola de excelência, que preza pelo atendimento a uma clientela bastante heterogênea. Fundada na primeira metade do século XIX, tornou-se uma das mais tradicionais escolas do Brasil. Possui 5 campi que oferecem turmas dos anos iniciais do ensino fundamental (1º ao 5º ano), chamados carinhosamente pela comunidade escolar de “Pedrinhos”. O *Campus* São Cristóvão I, onde a pesquisa se realizou, é o “Pedrinho” mais antigo, com mais de 30 anos de fundação e tem o maior quantitativo de alunos nesta faixa etária (902 alunos).

2.5 Procedimentos técnicos para a coleta de dados

As pesquisas também podem ser classificadas quanto aos procedimentos técnicos utilizados para a coleta de dados. Tomando como ponto de partida o objetivo desta pesquisa, que é investigar o uso da pesquisa qualitativa como metodologia pedagógica reveladora da realidade social das crianças, adotou-se como método a pesquisa participante.

A pesquisa participante é desenvolvida com base nas interações entre pesquisador e demais partícipes das situações investigadas. Seu diferencial está na autonomia das pessoas que participam da pesquisa: “A seleção dos problemas a serem estudados não emerge da simples decisão dos pesquisadores, mas da própria população envolvida, que os discute com os especialistas apropriados”. (GIL, 2010, p. 43). Assim, o tema escolhido pela turma, “Os Direitos Humanos das Crianças”, surgiu do interesse das crianças e da necessidade que tinham de discutir o assunto.

O termo participante sugere a inserção de um pesquisador no campo de investigação, sendo este, próximo ou distante. O pesquisador é convocado a participar da investigação na qualidade de informante, colaborador ou interlocutor. Pesquisador e pesquisado são, para todos os efeitos, sujeitos e objetos do conhecimento e a natureza destas relações estão, no centro das reflexões que modelam a pesquisa participante. (SCHMIDT, 2006). Nessa modalidade de pesquisa, o ideal é promover a participação de todos e emergir na cultura e no universo dos participantes da pesquisa. Ela pressupõe que cada um dos envolvidos seja pesquisador e pesquisado ao mesmo tempo. Assim, a pesquisa participante valoriza a experiência de vida tanto dos pesquisadores como pesquisados o que possibilita aplicação prática da temática investigada.

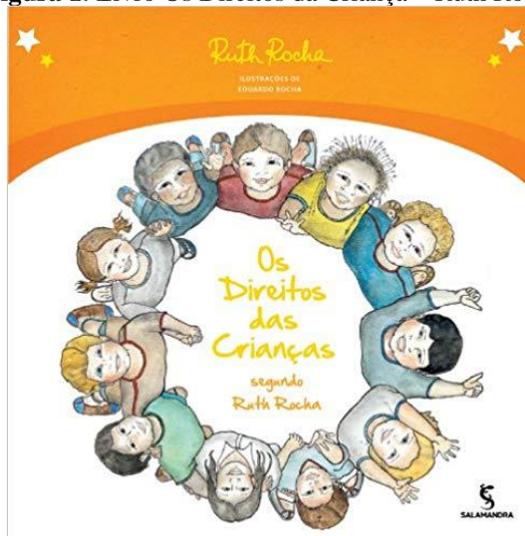
Nesta pesquisa, a professora/pesquisadora e os alunos participantes selecionaram juntos, em comum acordo o problema “Os Direitos Humanos das Crianças” e juntos desenvolveram a pesquisa, sendo que todos os participantes tiveram a liberdade de integrar e opinar em todas as etapas da pesquisa.

A partir da escolha do tema, a aplicação da pesquisa em sala de aula iniciou-se a partir da leitura do livro da autora Ruth Rocha, *Os Direitos das Crianças*¹. A partir daí, a turma em

¹ Em 20 de novembro de 1959 foi proclamada pela ONU e pelo UNICEF a Declaração Universal dos Direitos da Criança. O livro da autora Ruth Rocha apresenta esses direitos inseridos no dia a dia das crianças, mostrando que ter uma infância feliz está em pequenos gestos e que as mudanças podem ocorrer se esses direitos forem

acordo com a professora/pesquisadora, se propôs a confeccionar um mural, destacando alguns direitos que o coletivo percebeu como fundamentais, explicitando a necessidade do acréscimo de outros direitos, também julgados importantes.

Figura 1: Livro Os Direitos da Criança – Ruth Rocha



Fonte: Amazon

O primeiro passo para a construção do mural foi o desenho de si mesmo. Cada criança confeccionou um desenho de si própria, com suas características físicas, segundo sua percepção corporal, no espaço escolar. À medida que essa tarefa se configurava, crianças e professora conversavam e refletiam criticamente sobre alguns direitos das crianças ainda não respeitados ou não colocados em prática efetivamente e a turma fez uma lista desses direitos.

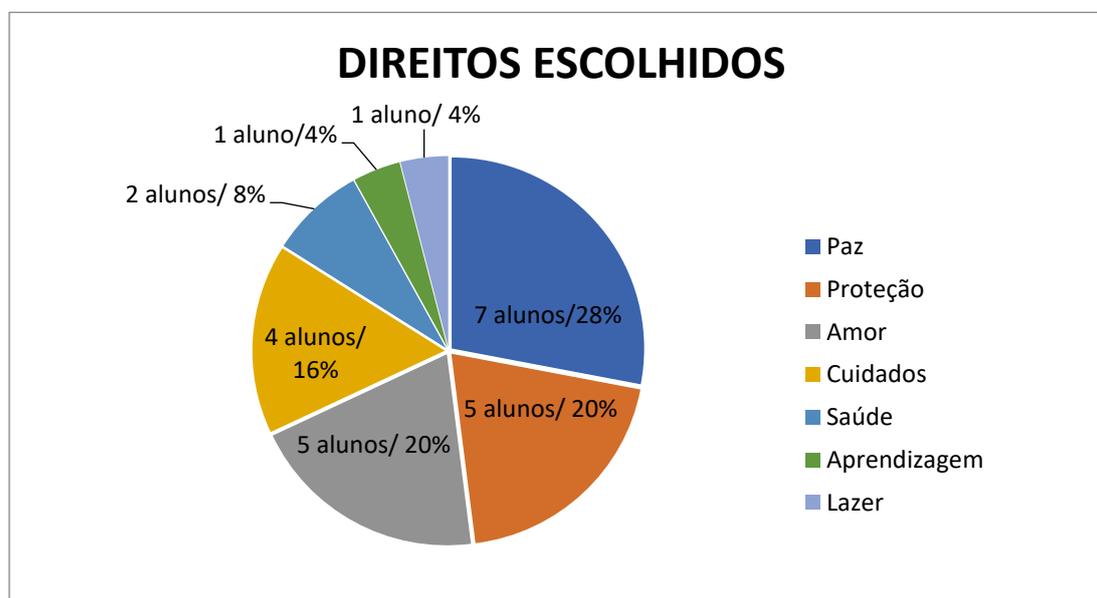
Os direitos elencados pela turma foram registrados na íntegra com mediação da professora/pesquisadora. Depois de listados, uma votação aberta foi realizada a fim de identificar o direito das crianças mais significativo para aquele grupo de estudantes, discutindo-se estratégias e soluções para a questão escolhida.

mais conhecidos e respeitados. O livro contém o texto integral da Declaração Universal dos Direitos da Criança nas páginas finais.

3 RESULTADOS

Os direitos mais votados foram os seguintes: Direito à paz (7 votos), direito à proteção (5 votos), direito ao amor (5 votos), direito à cuidados (4 votos), direito à saúde (2 votos), direito à aprendizagem (1 voto), direito à lazer (1 voto). Os direitos à brincadeira e moradia, apesar de terem sido citados por alguns alunos da turma, não obtiveram votos, dada à relevância de outros direitos como a paz, por exemplo. Naquele momento, a cidade do Rio de Janeiro enfrentava muitos casos de violência urbana, incluindo comunidades de moradia de algumas crianças.

Figura 2: Gráfico dos direitos humanos escolhidos pela turma 307



Fonte: Autoria própria

Após a votação, houve um debate acerca dos resultados obtidos. Buscou-se por meio de conversas que as crianças falassem de seus lugares de viver, de suas alegrias e de suas preocupações que se faziam presentes em seus bairros. Esse papel de fala oportuniza ao estudante um protagonismo, uma vez que possibilita a expressão de seus sentimentos e opiniões sobre os assuntos relacionados ao meio em que vivem, suas vidas, seus desejos e medos, o que requer do pesquisador sensibilidade ao olhar para o contexto que os envolvem.

Em meio à conversa, um episódio bem significativo ocorreu. Uma criança da turma fez um relato de uma situação que vivenciara em seu bairro, dias antes do trabalho proposto. Durante seu relato, a criança narrou um tiroteio na comunidade onde morava. Enquanto ela e seus amigos jogavam bola ouviram tiros, correram e se abrigaram no interior de uma igreja

local. À medida que a criança narrava o episódio, reafirmava que não queria viver aquela experiência nunca mais. As outras crianças manifestavam palavras de acolhimento e solidariedade à criança que tinha vivenciado aquela situação de medo. Nesse momento, a professora/pesquisadora, mediando a conversa, acrescentou um dado novo que conferiu à situação uma expectativa positiva. Os estudantes tomaram conhecimento de que em caso de tragédias naturais ou humanas (guerras, violências, entre outros), a Declaração dos Direitos da Criança garante prioridade de socorro e proteção às crianças, o que gerou ânimo e conforto ao grupo.

A partir da coleta dos dados um mural foi confeccionado pela classe, tendo como referência a experiência de cada um. Cada criança afixou no mural o desenho de sua imagem corporal, usando o uniforme do colégio, ligando-o com barbante à palavra que representava o seu voto no direito considerado mais importante por cada um deles.

Figura 3: Mural confeccionado pela turma 307



Fonte: Autoria própria

Após essa etapa, tendo o mural confeccionado pela turma como referência, os participantes expressaram suas opiniões sobre os direitos que consideraram mais relevantes, justificando suas escolhas. Atuando como interlocutora nessas discussões, a professora/pesquisadora apresentou à turma a Declaração dos Direitos da Criança (ONU, 1959), ressaltando que é preciso conferir cidadania aos nossos alunos, o que decorre do conhecimento

de seus direitos. A cada princípio lido, as crianças, assim como a professora, ficavam à vontade para tecer suas opiniões, tirar suas dúvidas e fazer comentários. Após a discussão foi combinado que o assunto prosseguiria no dia seguinte, quando a turma realizaria uma atividade escrita. Na atividade havia duas perguntas:

- Sobre os direitos humanos das crianças, qual é aquele que você acha mais importante?
Por quê?
- Que direito para as crianças você gostaria de criar?

Nesta atividade, as crianças sentaram-se em grupos de aproximadamente cinco estudantes. Conversaram, trocaram ideias, opinaram, registrando suas respostas e produzindo ilustrações sobre o tema, produzindo resultados importantes para a pesquisa. Mediante a primeira pergunta feita, sobre qual o direito da criança que elas consideravam mais importante, obteve-se como resposta mais citada o princípio nº 8, por 13 dos 25 estudantes (52%). Esse princípio afirma que a criança deve vir em primeiro lugar caso vivencie alguma situação de risco, conforme foi discutido no dia anterior, quando houve o relato da criança sobre o episódio de violência urbana. As crianças demonstraram através da frequência desta resposta o quanto a violência, a falta de paz e segurança as afligem. Demonstraram também que se apropriaram da informação fornecida anteriormente pela professora, reafirmando o quanto este conhecimento foi significativo para fundamentarem suas opiniões. As próprias crianças analisaram a escolha do princípio nº 8, verbalizando que diante das situações de medo que vivenciam frequentemente, saber que elas têm direito à prioridade de socorro traz certo “alívio”.

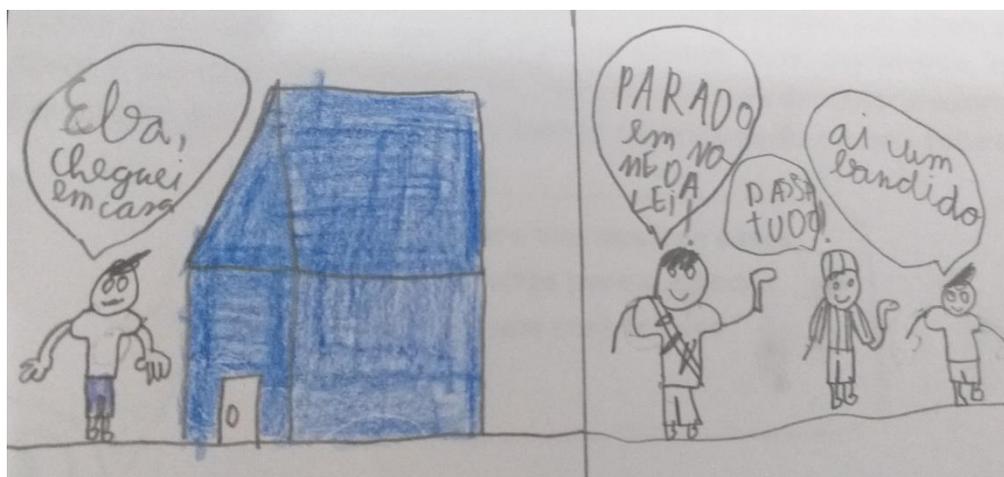
Figura 4: Desenho elaborado por criança A da turma 307



Fonte: Fotografia do arquivo pessoal da professora/pesquisadora

Com relação à segunda pergunta feita na atividade, sobre o direito que desejavam criar, cinco crianças reafirmaram a importância da moradia, três apontaram para a necessidade de se ter paz e outras três indicaram a necessidade de segurança. Outros direitos como educação, saúde, respeito, família apareceram também, embora fossem direitos já previstos, embora nem sempre respeitados. Através das respostas escritas, as crianças deixaram evidente, mais uma vez, que a falta de segurança e paz no local onde vivem é uma questão muito significativa, destacando através dos relatos e desenhos que tais direitos são frequentemente violados quando se vive numa cidade cheia de tensões e conflitos urbanos, como é a cidade do Rio de Janeiro.

Figura 5: Desenho elaborado por criança B da turma 307



Fonte: Fotografia do arquivo pessoal da professora/pesquisadora

Questionados sobre o motivo de direitos como lazer, brinquedos, passeios – tão particulares no mundo da infância – quase não figurarem nas respostas da turma, as próprias crianças analisaram tal situação, justificando coerentemente que esses direitos foram relegados a um segundo plano, diante da gravidade que é ter o direito à vida ameaçado.

Tanto os relatos orais quanto os escritos constituíram-se como produção de conhecimentos e de resultados a respeito do tema pesquisado, sob a ótica das crianças. É importante destacar que as crianças faziam questão de manifestar as suas opiniões e defender seus pontos de vista, em vários momentos. Analisavam a frequência das respostas dos colegas à medida que elas iam sendo registradas, percebendo que a opinião de um, era muitas vezes a mesma opinião de outros. Através desta pesquisa qualitativa percebiam que tinham medos e

preocupações em comum e muitos identificavam o contexto econômico social marcado pela desigualdade social em que viviam como gerador da violência.

A partir daí, outras atividades e discussões foram realizadas com a turma, sempre mediadas pela professora/pesquisadora, no intuito de analisar o grande problema identificado através da pesquisa, a falta de segurança, na busca de estratégias e soluções tanto de ordem pessoal, quanto coletiva para o problema. Partiram das crianças algumas propostas como a de divulgar dentro do ambiente escolar e familiar os Direitos Humanos das Crianças, através de cartazes, murais e folders.

Os trabalhos desenvolvidos ao longo do projeto, incluindo esta pesquisa, também foram apresentados na FLISC - Festa Literária de São Cristóvão – evento aberto à comunidade escolar que ocorre de dois em dois anos no *Campus* São Cristóvão I com o objetivo de socializar atividades pedagógicas, culturais, literárias e artísticas desenvolvidas pelo campus ao longo do ano letivo.

4 DISCUSSÃO

A experiência vivida ao longo deste projeto forneceu um rico material, com registros orais, escritos e desenhados, e ainda fotografados, fornecidos pelas crianças e pela professora/pesquisadora, que se constituíram como dados relevantes à pesquisa. Durante a interlocução com as crianças, a professora/pesquisadora, assim como os estudantes, foi um elemento ativo, indagando, interpretando e desenvolvendo um olhar crítico sobre o tema investigado. A coleta dessas informações apontou para a rica diversidade presente em uma sala de aula, permitindo o desenrolar de fios que revelaram o quanto a pesquisa qualitativa, enquanto estratégia pedagógica utilizada nos anos iniciais do ensino fundamental, pode nos falar sobre a realidade social das crianças.

De acordo com Candau (2008, p.14) “as escolas estão cada vez mais desafiadas a enfrentar os problemas decorrentes das diferenças e da pluralidade cultural, étnica, social religiosa”. A escola deve repensar as suas práticas, considerando que o contexto dessa não pode ser impermeável aos acontecimentos do lugar onde ela está inserida. Assim precisa-se definir como papel da escola a responsabilidade de pensar sobre a sociedade e seus problemas, como também afirma Queiroz:

As escolas são microcosmos da sociedade: elas espelham valores, prioridades e práticas culturais tanto positivos quanto negativos que existem fora de seus muros. São também áreas de treinamento em que os membros mais jovens da sociedade desenvolvem atitudes, interesses e habilidades que serão usados durante toda a vida. Por isso, as escolas devem assumir a responsabilidade de melhorar as condições sociais negativas. Se quisermos que a sociedade seja um lugar onde um grupo cada vez mais diversificado de pessoas se relaciona, onde todas as pessoas sejam valorizadas como colaboradores para o bem comum, onde todos compartilham os direitos básicos como está descrito em nossa Constituição, então as escolas devem refletir esses valores [...] (QUEIROZ, 2018, p. 21)

A experiência aqui relatada propiciou algumas destas discussões sobre a realidade de vida dos estudantes, identificando problemas, causas, consequências e possíveis soluções. Este tipo de trabalho, utilizando a pesquisa qualitativa como metodologia pedagógica, além de revelar a realidade social daquelas crianças, deu-lhes também a oportunidade de atuarem como protagonistas das atividades, uma vez que elas tiveram oportunidade de propor e escolher as atividades do projeto, se expressando, dialogando, trocando ideias e expondo seus sentimentos. Há que se destacar ainda, que atitudes como ouvir o outro, esperar a sua vez para falar, sentir-se à vontade para concordar ou discordar respeitando opiniões diferentes, conferiram a este trabalho um verdadeiro exercício de cidadania, possibilitando o conhecimento de seus direitos e deveres como cidadãos.

Após a realização das atividades inerentes à pesquisa, os dados foram analisados utilizando como referencial teórico a tematização ou análise temática, sugerida por Fontoura (2011). Esta autora demonstra grande preocupação com a construção da pesquisa qualitativa e com as estratégias de interpretação e análise dos dados coletados, de modo a garantir a qualidade das pesquisas em ensino, destacando que devemos buscar outra forma de olhar a pesquisa que não a que valoriza quantidades de pessoas ou de respostas como referência de análise, mas que precisamos apostar na nossa forma própria de fazer e relatar as pesquisas qualitativas, pois os dados não falam por si, é preciso contextualizar e problematizar o que foi encontrado.

Assim, seguindo as premissas da tematização de Fontoura (2011), esta pesquisa procurou deter-se mais na qualidade do que foi coletado do que na quantidade de dados coletados. A análise dos dados realizou-se através do levantamento das “palavras-chave” que se destacaram nas atividades realizadas, elaborando categorias de análise (núcleos temáticos).

Através desta metodologia foi possível detectar os elementos presentes na lógica subjacente às falas dos participantes, os elementos presentes nas produções escritas e nos desenhos das crianças, elaborando esquemas de interpretação.

Através dos relatos das crianças, de seus desenhos e de seus registros escritos, é possível afirmar que elas têm consciência de vários de seus direitos, elencados como “palavras-chave”, mas também demonstram ter conhecimento de que embora os direitos humanos tenham sido declarados a todas e quaisquer pessoas, nem todos os indivíduos usufruem efetivamente desses, como nos afirmam Chauí e Santos:

A hegemonia dos direitos humanos como linguagem de dignidade humana hoje é incontestável. No entanto, essa hegemonia convive com uma realidade perturbadora. A grande maioria da população mundial não é sujeito de direitos humanos. É objeto de discursos de direitos humanos. Deve, pois, começar por perguntar-se se os direitos humanos servem eficazmente a luta dos excluídos, dos explorados e dos discriminados ou se, pelo contrário, a tornam mais difícil. (CHAUÍ; SANTOS, 2013, p. 42).

Ao longo desta pesquisa participante, foi possível a partir da interação com as crianças, construir uma narrativa cheia de depoimentos pessoais e visões subjetivas, em que as falas de uns se acrescentavam às dos outros, se compoem e às vezes se contrapõem às observações feitas pelos colegas. A professora/pesquisadora procurou tecer uma visão coletiva, a partir das vivências e experiências das crianças, com suas riquezas e contradições, articulando as informações que recebeu como num quebra-cabeças. Identificou um importante núcleo temático no qual os direitos com maior significado para as crianças naquele momento, foram expressos através das palavras-chave: paz – moradia – segurança, palavras significativas, que se relacionam, se complementam e se justificam quando se vive num local marcado pela insegurança, violência, falta de proteção e de amor ao próximo, como é a região metropolitana do Rio de Janeiro, de onde a maioria dos alunos é proveniente.

Os resultados apontados pelas crianças revelaram que o medo e a insegurança lhes afligem cotidianamente, por esse motivo os direitos destacados acima (paz, moradia, segurança) tiveram maior relevância do que outros direitos igualmente importantes como saúde, educação e lazer. Tais direitos não passaram em branco nos discursos e representações infantis, entretanto, elas usaram claramente aquele espaço de fala, de expressão e de protagonismo estudantil para manifestarem suas angústias e o receio de terem o seu direito primeiro e mais

fundamental, o direito à vida, ceifado pela violência urbana. Ao contextualizar o tema Direitos Humanos das Crianças com as vivências e as realidades dos alunos e alunas, foi possível dar voz às suas histórias e visibilidade aos enredos de suas vidas, o que confere relevância a este estudo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa qualitativa aqui descrita revelou-se eficaz no que tange a leitura de mundo das crianças, permitindo um conhecimento mais aprofundado de suas realidades, com toda a diversidade inerente ao universo escolar, permitindo-lhes o direito de expressar pensamentos, sentimentos e opiniões, possibilitando-lhes o exercício de vivências democráticas no processo educativo.

Apesar da professora/pesquisadora ter construído com a turma um relato coletivo, não significa que tenha sido um relato homogêneo e, sim, uma história em que os diversos interesses e as várias visões tiveram lugar e possibilidade de expressão. Cada criança em sua individualidade teve vez e voz, para escolher os temas a serem discutidos, as atividades a serem realizadas, além da oportunidade de expressar suas opiniões a respeito da realidade em que vivem, dialogando, expressando seus anseios, alegrias e medos.

Através desta pesquisa, concluímos que as atividades desenvolvidas por meio da metodologia da pesquisa qualitativa, confirmaram seu papel como reveladora da realidade social dos alunos e alunas. A pesquisa ainda corrobora a ideia de que, quando o professor ou a professora parte das vivências e da realidade das crianças, uma multiplicidade de aprendizagens de umas com as outras é possibilitada, principalmente no que se refere ao exercício da cidadania quando são orientadas a se ouvirem, se respeitarem e a cuidarem de si e do próximo. É a escola funcionando como lugar de trocas e de ricas experiências sociais, possibilitando que o ensino e a pesquisa caminhem juntos.

REFERÊNCIAS

CHAUI, M.; SANTOS, B. de S. **Direitos Humanos, Democracia e Desenvolvimento**. São Paulo: Cortez, 2013.

ALMEIDA, M. C. V.; TALINA, M. D. L.; JANTALIA, C.; QUEIROZ, P. P.
“A utilização da pesquisa qualitativa como metodologia pedagógica nos anos iniciais do ensino fundamental”

FONTOURA, H. A. da. Tematização como proposta de análise de dados na pesquisa qualitativa. In: _____ (Org.). **Formação de professores e diversidades culturais: múltiplos olhares em pesquisa**. Niterói: Intertexto, p. 61-82, 2011.

GADAMER, H. G. **Verdade e método**. 3. ed. Petrópolis: Vozes; 1999.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MINAYO, M. C. de S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 24. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

MINAYO, M. C. de S. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 621-626, mar. 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232012000300007&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 10 mar. 2020.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **declaração dos direitos universais da criança**. Disponível em: <http://www.fiocruz.br/biosseguranca/Bis/infantil/direitodacrianca.htm>. Acesso em: 17 fev. 2020.

QUEIROZ, P. P. de (Org.). **Ensino, saúde e inclusão: olhares e reflexões**. Rio de Janeiro: Autografia, 2018.

ROCHA, R. **Os Direitos das Crianças**. Rio de Janeiro: Companhia das Letrinhas, 2002.

VASQUEZ, R. C. Y. et al. Dando voz às crianças: considerações sobre a entrevista qualitativa em pediatria. **REME: revista mineira de enfermagem**, v. 18, n. 4, p. 1016-1020, 2014. Disponível em: <http://www.reme.org.br/artigo/detalhes/980>. Acesso em: 10 mar. 2020.